



ARTÍCULO

Fermentario N. 7 (2013)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,
Universidad de la República. www.fermentario.fhuce.edu.uy

“A filosofia da educação entre o cuidado e o esquecimento do cuidado de si”

Priscila Nunes

Resumo:

Tal artigo busca tecer alguns comentários a partir da trajetória de uma educanda com deficiência física em ambiente escolar. A base teórica refere-se a alguns textos de Michel Foucault, os quais tratam de estudos dos antigos textos gregos e latinos voltados ao cuidado de si. Escolheu-se tal autor pois, na obra sobre A hermenêutica do Sujeito, consideramos o momento histórico estudado como exercício da ética de si. Tal inquietação parte da questão de que por um lado, a educanda aqui comentada possui uma condição física que lhe impõe alguns limites. Por outro, ao observar o modo como ela se desenvolve diante da vida, do cotidiano escolar em especial, voltamos para alguns escritos de Foucault e encontramos uma possibilidade de leitura desse sujeito classificado como

deficiente, como aquele que, no cuidado de si, exerce uma vida enquanto obra de arte.

Palavras-chave: Cuidado de si, estética de si, pessoa com deficiência.

Resumen:

Este artículo busca tejer algunos comentarios a partir de la trayectoria de una educanda con deficiencia física en ambiente escolar. La base teórica se refiere a algunos textos de Michel Foucault, los cuales tratan de estudios de los antiguos textos griegos y latinos que tratan del cuidado de sí. Tal autor fue elegido porque, en la obra sobre la Hermenéutica del Sujeto, consideramos el momento histórico estudiado como ejercicio de la ética de sí. Esa preocupación parte de la cuestión de que, por un lado, la educanda aquí comentada posee una condición física que le impone algunos límites. Por otro lado, al observar el modo en que ella se desenvuelve en la vida, en el cotidiano escolar en especial, volvemos para algunos escritos de Foucault y encontramos una posibilidad de lectura de ese sujeto clasificado como deficiente, como aquel que, en el cuidado de sí, ejerce una vida como una obra de arte". Palabras-llave: Cuidado de sí, persona con deficiencia, estética de sí.

Palabras clave: Homosexualidad – formación de profesorado – ética de si mismo – cuidado de si mismo – representaciones sociales.

Abstract:

This article makes a few comments on the trajectory of a pupil with disability in a school environment. Our theoretical basis lies in some texts of Michel Foucault, who studied how ancient Greek and Latin authors conceived "the care of the self". Starting from his "Hermeneutics of the Subject", our purpose is to understand this particular trajectory as an exercise of the "ethics of the self". On the one hand, the pupil commented here has a physical condition that imposes some limits on her. But if we pay attention to her behavior towards life, and especially towards the school in the everyday, we also have the possibility of seeing this subject,

otherwise classified as a disabled person, could in fact take care of herself by exercising a life as a work of art.

Keywords: Care of herself, pupil with disability, life as a work of art.

“Quando a deficiência se faz eficiente para esculpir a própria vida”

Quem é ela?

Valentina (um nome fictício) tem hoje cerca de 12 anos de idade. Toda a sua trajetória escolar se deu em escolas públicas, regulares, nunca em escolas de educação especial. Primeiramente estudou em São Paulo, zona norte, da educação infantil ao final do primeiro ciclo do ensino fundamental. Após esse período, houve uma mudança de cidade em que ela pode vir com a família para o município de Campinas, vindo a estudar em uma escola que se localiza na região noroeste da cidade, unidade escolar na qual ela está até hoje.

O que aconteceu, exatamente, para que essa criança viesse a receber a classificação clínica da chamada paralisia cerebral coreoatetóide não foi comentado pelos pais no momento em que ela foi matriculada, nem no momento em que foram debatidas algumas questões relacionadas às necessidades de certos apoios, como os momentos de alimentação, das aulas de educação física, dos passeios dentro ou fora da cidade e mesmo da ajuda que necessita para alimentar-se ou ir ao banheiro. Em contato com a literatura médica especializada em questões relacionadas a classificações da paralisia cerebral, valemo-nos aqui de um fragmento que pode trazer alguns dados clínicos, ou seja, generalizados, sobre o que vem a ser paralisia cerebral coreoatetóide:

“A PC pode ser definida como um conjunto de seqüelas motoras, causadas por uma lesão ocorrida no encéfalo imaturo, ou seja durante seu desenvolvimento. Os tipos de PC são classificados de acordo com seus déficits motores e apresentação do tônus muscular (espásticos, atáxicos, atetóides e mistos), de acordo com a porção corporal atingida (hemiparesia, disparemia e tetraparesia) e de acordo com a severidade do acometimento (leve, moderado e grave). As razões para esta diversidade de apresentações devem-se a grande variedade dos fatores etiológicos, localização das lesões e a base do controle motor no PC, que podem ocorrer em três momentos: durante a gestação, durante o parto e pós parto até dois anos de idade.” (GIANNI, 2005: 30).

Talvez, para alguns de nós seja um pouco impressionante lermos a classificação desse tipo de paralisia, talvez imaginemos que seja algo muito grave, algo que soe como de extrema impossibilidade para aquela ou aquele que receba tal diagnóstico. Mas não é bem assim, pelo menos, pensa-se, não cabem aqui generalizações. No caso de Valentina, há uma leveza de quadro que a diferencia somente por usar uma cadeira de rodas como veículo de mobilidade, ao invés das pernas, e um note book como caderno já que sua coordenação motora fina funciona melhor com teclas ao invés de lápis ou caneta.

Nessa reunião com os responsáveis por ela, pode-se observar que a grande preocupação dos educadores presentes não era exatamente a questão dos apoios que Valentina necessitaria em seu cotidiano na escola, mas sim se ela teria condições de acompanhar os conteúdos curriculares desenvolvidos na série que ela cursaria, no caso, o 6º ano do segundo ciclo do ensino fundamental. Pelo relato da mãe tudo parecia ser muito tranquilo quanto a essa questão já que ela disse que justamente por sua filha nunca ter frequentado uma escola de educação especial ela teria sido muito bem estimulada em sua escrita e leitura pelos educadores das escolas regulares pelas quais já havia passado em São Paulo. Nesse sentido, pode-se observar que a mãe demonstrou conceber que a escola de educação especial pode ser um local em que o investimento pedagógico de escrita e leitura não seja exatamente a prioridade trabalhada com os educandos que lá estão, talvez por focarem a questão das oficinas e terapêuticas e deixarem a questão da escrita e leitura para um segundo plano. A esse respeito cabe refletirmos também no sentido de que Valentina é uma criança que não apresenta qualquer problema no que tange a aprendizagem, ou seja, em termos mentais ela não apresenta qualquer dificuldade e assim é realmente tranquilo para ela frequentar qualquer tipo de escola, consideradas é claro sua necessidade física. Esse assunto não será debatido nesse texto, mas gera a possibilidade de outro momento de escrita. Sabemos que, no que concerne à questão da terapia, esta aluna frequenta semanalmente um apoio fisioterápico pautado na hidroterapia¹. Como Valentina esteve sob a tutela de

¹ Explicita-se aqui que a paralisia cerebral coreoatetóide não influencia o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos assim diagnosticados, porém expressa uma característica relacionada a desequilíbrio postural gerado pela instabilidade motora dos membros inferiores e superiores. Nesse sentido, a hidroterapia, por ser uma técnica de exercícios que reduzem os impactos nas articulações daqueles que a praticam é bem vinda na atividade com PC visando maior equilíbrio e postura, estabilidade e aumento do desempenho diante de atividades cotidianas que requerem coordenação motora.

escolas regulares vinha então alfabetizada e coerente ao conteúdo desenvolvido em uma classe de 6º ano do ensino fundamental.

O que ocorre em sala de aula?

No decorrer da trajetória escolar de Valentina, reportando-nos, é claro, a sua escolaridade neste município, pode-se observar o quanto, a princípio, diante de cada novo conteúdo curricular que ia sendo apontado a todos os alunos da classe, dentre eles, ela, os educadores pareciam não acreditar que ela os vivenciaria de maneira adequada, que conseguiria responder as atividades e exercícios propostos. Como o trabalho de uma educadora especial no município de Campinas é entrar em sala de aula e oferecer apoio, quando necessário, tanto para a criança deficiente, como aos educadores diante dos conteúdos curriculares trabalhados com essa criança, é possível tecer algumas observações a respeito de como os educadores, muitas vezes demonstram não crer que um aluno com deficiência física possa acompanhar o currículo de maneira coerente. Talvez, essa ideia possa se dar pela questão de que haja a tendência a crer que uma pessoa com deficiência física seja automaticamente alguém que também possua algum atraso cognitivo ou mesmo deficiência mental, ou déficit intelectual que tem sido a nomenclatura comumente utilizada para esses casos. E, quanto à educanda aqui discutida, pouco a pouco, processualmente, ela mesma, em seus limites, mas também em suas possibilidades, segue demonstrando que possui uma condição física que não é comum para a maioria das crianças da escola onde estuda sim, mas realiza tudo o que lhe é proposto também.

Acredita-se ser importante deixar claro que o município de Campinas atua dentro de determinadas políticas públicas que asseguram a matrícula de pessoas com deficiência em escolas regulares considerando que para isso o sujeito matriculado exerça essa escolaridade na série que esteja de acordo com sua idade cronológica. Portanto, caso haja uma criança que, portadora de deficiência intelectual não possua uma idade mental compatível com a série que cursa, independentemente disso ela estará na série que condiz com sua idade cronológica. Assim, havendo uma pessoa cronologicamente com 12 anos mas mentalmente com 4, essa cursará o sétimo ano, equivalente a sexta série do

segundo ciclo do ensino fundamental. É possível que uma situação como essa seja um tanto quanto difícil para os educadores, porém felizmente não é o caso de Valentina, suas dificuldades tangem apenas a questões físicas.

Independente da maneira pela qual esse município atua com a chamada educação inclusiva, assumo aqui uma concepção em que faço minhas as palavras de Hardt e Negri (2005) APUD Heckert e Andrade (2010): 499.

(...) entende-se por inclusão as diferentes formas sociais de geração, composição e gerenciamento da vida, tanto por meios disciplinares do corpo, como por regulações da população. Nesse sentido, inclusão é também produção de vida, de modos de sentir e viver.

Quando uma criança deficiente é submetida a participar, a pertencer a um ambiente escolar regular, inúmeras são as situações que acontecem muitas vezes comuns aos educandos concebidos como normais mas, em geral, pouco comuns aos estudantes concebidos como deficientes. Uma vez incluídas na escolaridade regular a pessoa com deficiência estaria sendo, de certa maneira forçada a ser como a maioria, estaria sendo forçada a ser normal? Desde meados de 1996, com a nova lei de diretrizes e bases da educação pública temos a paulatina implantação de políticas públicas voltadas a pessoa com deficiência no que visa a garantir a matrícula das mesmas na educação pública e regular. Desde então um mar de variadas experiências e opiniões envolvem e dividem pais, professores e os próprios deficientes quanto a esses direitos. A esse respeito, salienta-se que:

(...) nenhuma política é neutra, pois se insere em um campo de representações codificadas e decodificadas, engendradas, em determinado contexto histórico e espaço geográfico, de uma forma complexa e multifacetada, por meio de conflitos, lutas e correlações de forças. (Ball, 1997, apud Oliveira e Amaral, 2000.

Acredita-se que uma situação que talvez possa exemplificar essa questão está relacionada a uma votação para escolha do representante de classe. Representante de classe como aquele que irá ouvir alunas e alunos de uma determinada série, no caso a série em que ele se encontra e entrara em contato com educadores, com pessoal da gestão ou até sairá da unidade escolar para participar de eventos em outros locais, sempre representando sua classe e as

demandas que essa apresenta. O representante de classe é um estudante que vivencia uma zona intermediária entre colocações, reclamações, sugestões de seus colegas de turma e o grupo de professores e gestores com os quais irá funcionar como ponte, exercer um diálogo. Pois bem, quando sugerido aos alunos da sétima série, classe de Valentina, no início do primeiro semestre do ano de 2011, uma vaga para o cargo de representante de sala, eis que Valentina ergue a mão demonstrando concretamente sua intenção de participar da votação. Teria a professora ficado surpresa com tal gesto?

Aquele seria o momento de colocar entre os possíveis candidatos alguém que se diferenciaria, uma garota que se locomove por meio de uma cadeira de rodas e escreve com o pé direito em seu computador portátil. A reação imediata da professora foi sugerir que a educanda se retirasse da votação pois seria difícil para ela praticar o que recomenda o calendário de um representante de classe. Essa recomendação não foi verbalizada de maneira hostil, mas de qualquer forma a aluna chorou tão automaticamente quanto a sugestão oferecida pela professora lhe foi dada. Valentina então pediu para que a professora retirasse seu nome do quadro de candidatos ao cargo de representante de classe e após a votação uma outra criança passou a ser a representante daquela sala de aula.

Essa situação é passível de nos levar a várias outras questões. Gallo, apontanos uma crítica bem vinda:

A noção de diferença ganhou o mundo no século vinte. E chegou ao campo teórico da educação e às escolas. Educar a diferença; educar na diferença; educar para a diferença passaram a ser palavras de ordem em planos de educação de órgãos governamentais, em projetos políticos pedagógicos de escolas, em projetos de organizações não governamentais.(...) Mas compreendemos, de fato, a diferença? Vivemos a diferença ou ela está apenas em nossos discursos? A diferença está aí, sempre esteve, para quem teve olhos para ver... (GALLO, 2009 : 7)

Nesse sentido, tentar compreender os diversos lados que essa situação em si pode nos trazer seria muito ousado para o espaço de um artigo. Além do que ele não funciona para julgar a atitude dessa educadora já que ela foi pega de surpresa tanto quanto os alunos e quem mais estivesse ali. Pela maneira como a educadora reagiu, imagina-se : aquela era a primeira vez que se via nesse tipo de experiência, pode ter considerado dificuldades que a aluna enfrentaria, além das que já enfrenta em seu cotidiano, também a reação dos pais da garota, que poderiam reclamar uma consulta a eles previamente à votação por serem seus responsáveis, por serem aqueles que a conduzem. E, é possível que esta tenha sido uma vivência diferente para todas as outras crianças da classe, presentes no momento em que eclodiu essa tensão, algumas expressaram que votariam em Valentina se ela pudesse ter competido.

O fato é que o grande interesse desse artigo é pensar como essa questão, ser fisicamente diferente, ser uma pessoa com deficiência em um ambiente tão complexo como é uma escola pública é vivido por essa menina em específico. Não há aqui o interesse de uma análise profunda acerca daquilo que imaginamos que ela sinta diante de situações em que ela parece não caber, como o exemplo que foi demonstrado acima, também não se pretende entrevista-la pedindo que ela debata sobre um elenco de questões voltadas a questão de utilizar uma cadeira de rodas para se locomover ao longo de seu cotidiano, inclusive na escola, mas procurar relatar aqui aquilo que pode se conceber como o exercício de cuidado de si.

Onde encontramos esse exercício na história?

O cuidado de si foi uma prática vivenciada no período Grego e Greco-romano, que expressou certa complexidade, variedade, e que chamou a atenção de Michel Foucault. Pode-se observar em seus textos um grande mergulho nas práticas sociais vivenciadas por gregos, sob o domínio do império romano, o que suscitou no autor questões sobre as diferenças que se desenvolveram naquele período.

(...)essa prática de si mesmo da qual procuro elaborar, não a história, mas o esquema em que o período preciso(séculos I-II[d.C]), é uma idéia bem tradicional na

arte de si mesmo. Mas, repito a fim de evitar qualquer equívoco, de modo algum pretendo que essa prática de si, que procuro situar na época em que lhes falo, se tenha formado naquele momento. Nem mesmo pretendo que naquele momento ela tenha constituído uma novidade radical. Quero apenas dizer que naquela época, em seu termo, ou melhor, após uma longa história (pois o termo ainda não se deu), chega-se nos séculos III a uma cultura de si, a uma prática de si cujas formas são muito ricas e cuja amplitude, que certamente não representa nenhuma ruptura de continuidade, permite uma análise sem dúvida mais detalhada do que se nos reportássemos a uma época anterior.(FOUCAULT, 2010 :

282).

Para tanto, salienta-se que o cuidado de si, não é uma invenção aqui criada, mas parte de profunda pesquisa feita por este autor, o qual foi trabalhado em seu curso no Collège de France entre 1981 e 1982, que, na condição de obra, intitulou-se *A hermenêutica do sujeito*. Nesta obra, de acordo com Foucault, há a recorrência de investigações que se reportam aos primeiros dois séculos do período cristão, para em seguida observar e nos apresentar um aspecto que em seu ver lhe imprimiu grande interesse: “Eu me contentarei, portanto, em falar dos séculos I-II, realçando porém, em seguida, um aspecto que, a meu ver, é bastante surpreendente.” (FOUCAULT, 2010 p: 282). Acredita-se aqui, que Foucault está se referindo a um determinado período de vivência do chamado cuidado de si que em sua opinião apresentou um tipo de concepção e relação dos sujeitos consigo mesmos bastante impressionantes do ponto de vista ético e filosófico. Diz-se isso pois é como se fosse um momento em que, na busca de ligação do sujeito com a verdade, este, ao invés de se ligar á lei, liga-se, antes de tudo, a si mesmo. Sobre essa questão, Foucault (2010 : 284) comenta que :

(...)onde nós modernos entendemos “sujeição do sujeito á ordem da lei”, os gregos e os romanos entendiam “constituição do sujeito como fim último para si mesmo, através e pelo exercício da verdade.

Daí a escolha dessa obra que, pensa-se ser cabível a questão dessa educanda, dessa pessoa, que, por ser classificada como alguém deficiente, enfrenta diariamente, a partir dessa classificação clínica, formas de governo de seu corpo, das posições que este ocupa na instituição escolar, mas que também se expressa e procura, de forma criativa, maneiras de participar e de pertencer frente aos ambientes e junto das pessoas com quem está envolvida. Busca, á sua maneira, que a considerem diante das diversas atividades escolares, mesmo que ela própria reconheça a presença de seus limites, enfim, reage diante disso como que cuidando de si. Importante colocar em evidência que o chamado cuidado de si foi uma prática voltada a uma certa parcela da população antiga, entre Grécia e Roma, e, nesse sentido, não pode ser concebida como algo historicamente popular. Apesar dessa característica, acredita-se ser interessante a aproximação entre algumas questões desse momento histórico e de Valentina.

Mas o que é o cuidado de si?

No início da década de 1980, precisamente entre 1981 e 1982, Michel Foucault, apresenta uma seqüência de aulas no Collège de France, instituição em que lecionava, expondo suas pesquisas no que diria respeito a alguns temas que chamaram muito sua atenção: a hermenêutica de si, o conhecimento do sujeito e o cuidado de si. Assim, veio a se configurar a obra *A Hermenêutica do sujeito*, Foucault aproxima-nos do tema do cuidado de si, ou ética do cuidado de si. Chama a atenção do autor para um grande conjunto de práticas concebidas, exercidas e realizadas com significativa importância para aqueles que viveram este momento da história, ou seja, a antiguidade clássica ou tardia precisamente na Grécia. Ocorre que, ao longo de sua pesquisa, Foucault depara-se com certa complexidade do conceito de cuidado de si, pois, no decorrer da história da cultura antiga muitos são os relatos sobre o conhecer-se a si mesmo (gnôti seautón) e o cuidado de si (*epiméleia heautoû*). Práticas do cuidado de si foram chamadas em grego de *epiméleia heautoû*, e em latim concebidas como cura sui. Dentre os relatos que marcaram determinados momentos desse período da história ocidental, aponta-se Sócrates como aquele que preocupou-se e interpelou seus contemporâneos a questionarem se estavam dando a devida atenção ao cuidado de suas almas, por chamar os outros a essa responsabilidade diante de si mesmos, trazer as pessoas para essa maneira de conhecimento de si, Sócrates foi concebido como um mestre do cuidado de si.

Para ele, teria condições de fazer a gestão da polis, dos outros, aquele que antes conhecesse a si mesmo.

Passados cerca de oito séculos, considerando a idéia de *epiméleia heautoû* temos, por exemplo, Gregório de Nissa, o qual traz uma outra abordagem desse cuidado. Neste momento, a partir da renúncia da carne, tratado no qual era exigido um pedido de virgindade do coração e do corpo com a finalidade de possibilitar uma relação de maior proximidade com o sagrado, cultivava-se um cuidado de si que, na renúncia de si mesmo, levaria o indivíduo a uma verdade que estava acima dele, não nele. Vê-se aí o exemplo de ascese cristã, vivenciado também a partir de uma concepção de cuidado de si. A partir da leitura da obra acima citada, concorda-se que:

“Entre estes dois marcos extremos-Sócrates e Gregório de Nissa-podemos constatar que o cuidado de si constituiu não somente um princípio, mas uma prática constante.”(FOUCAULT, 2010 : 444). Ao longo da obra aqui comentada, fica evidente que diversas foram as maneiras que aqueles que viveram nesse período praticaram o cuidado de si. Ao entrarmos em contato com os diversos relatos feitos sobre o cuidado de si, vemos que este atravessou a vida das pessoas no que concernia a tudo o que fazia parte dela. Sabe-se de relatos em que, as práticas do cuidado de si, estavam ligadas a rituais de consideração aos mortos, de reflexões quanto a morte em si, de observação de si diante de situações de tentação como a relação com a alimentação por exemplo, busca de equilíbrio entre pensamentos e fala, uso da linguagem verbal de forma adequada, cuidados com o corpo para que este se mantivesse saudável, exames de consciência, não havendo para isso períodos determinados mas, sim, um movimento constante de cuidado de si, uma vez que este acompanharia o sujeito ao longo de sua vida. Assim, concorda-se que tal variedade de atividades complexas, regradas, faziam do sujeito um atleta do cuidado, tamanho grau de exigência. Podemos nos questionar pelo motivo que conduzia o homem do período grego e Greco-Romano que tanto impressionou Foucault abordando uma das passagens da obra sobre a hermenêutica em que o autor relata:

Tratava-se, ao contrário, da constituição de si mesmo. Digamos mais exatamente: tratava-se de chegar à formação de uma certa relação de si para consigo que fosse plena, acabada, completa, autossuficiente e suscetível de produzir a transfiguração de si que consiste

na felicidade que se tem consigo mesmo. Esse era o objetivo da ascese. Nada, conseqüentemente, que fizesse pensar em uma renúncia a si. (FOUCAULT,2010 :285).

Pensa-se, nesse pequeno trecho, a possibilidade de significados que essa prática de cuidado de si expressou acerca de indivíduos que, nessa escolha conduziam-se a algo diferente da lei, das verdades estabelecidas.

Podemos dizer que, em toda filosofia antiga, o cuidado de si foi considerado ao mesmo tempo um dever e uma técnica, uma obrigação fundamental e um conjunto de procedimentos cuidadosamente elaborados. (Foucault, 2010 : 445).

Pensamos ser relevante salientar que Michel Foucault observou pelo menos três períodos interessantes e distintos no que diz respeito à ética no mundo antigo. Na Grécia clássica, a relação entre Alcibíades e Platão pode exemplificar um momento em que a necessidade de um cuidado de si era pautada pela presença de um mestre do cuidado, nesse caso Platão, o mestre de Alcibíades. Outro momento marcante teria sido o período helenísticoromano em que ao contrário do anterior, o sujeito não se submetia a aprender o cuidado de si baseado em um mestre do cuidado, mas sim na relação de si consigo mesmo. Este era, sobretudo, o caso do pensamento estoico. Por fim, o terceiro momento é o período cristão, em que a verdade do sujeito era considerada com base na verdade da Palavra sagrada.

Desses três períodos, Foucault identificou-se com aquele que permitiu ao sujeito exercer uma relação de si consigo mesmo, exercer a ética de si. Foucault analisa a relação de governo do outro estendendo-a, refletindo sobre a relação do governo de si, sendo esta a maneira pela qual os sujeitos podem se relacionar consigo mesmos seguida da relação com os outros. Os documentos históricos encontrados por Foucault levaram-no a compreender a diversidade de exercícios existentes em cada período, sua função, e quais eram suas finalidades. Ao retomar a chamada *epiméleia heautou* e *gnôthi seautón*, Foucault observa que estes eram um conjunto de experiências e técnicas que poderiam ser

conhecidas pelos sujeitos, para que estes pudessem, de alguma maneira, transformar a si mesmos. O autor reconhece aí uma maneira de governo de si que poderia estar presente nos sujeitos daquela época. Eclode aí a temática da discussão entre subjetividade e verdade. Nesse sentido, em um texto denominado A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade, vemos que:

O problema das relações entre o sujeito e os jogos de verdade havia sido até então examinados por mim a partir seja de práticas coercitivas como no caso da psiquiatria e do sistema penitenciário, seja nas formas de jogos teóricos ou científicos como na análise das riquezas, da linguagem e do ser vivo. Ora, em meus cursos no Collège de France, procurei considerá-lo através do que se pode chamar de uma prática de si, que é, acredito, um fenômeno bastante importante em nossas sociedades desde a era greco-romana, embora não tenha sido muito estudado. Essas práticas de si tiveram, nas civilizações grega e romana, uma importância e, sobretudo, uma autonomia muito maiores do que tiveram a seguir, quando foram até certo ponto investidas pelas instituições religiosas, pedagógicas ou do tipo médicopsiquiátrico.(FOUCAULT, 2006 : 264-265)

Observamos então que o autor está chamando nossa atenção para um momento da história ocidental em que o sujeito vivenciou uma outra maneira de relacionar-se consigo mesmo, como se fosse uma outra forma de pensamento, palavra e atitude pautados por uma ética e verdade de si mesmo.

A esse respeito, Foucault está nos chamando atenção para uma outra maneira de relação consigo, podendo ser esta a conceituada prática ascética, período entre o momento socrático e a ascese cristã, uma zona intermediária em que não houve a predominância de uma moral de renúncia mas, sim, uma sequência de exercícios de si sobre si, que ofereceu a possibilidade do sujeito se elaborar, se transformar, e, assim, atingir um modo de ser, de ser ético. Essa possibilidade de elaboração do sujeito para a sua própria transformação, transformação essa que penso não ser determinada e acabada, não poderia ser atingida a partir de

um processo qualquer. Pelo contrário, não partia de algo superficial, como fez com que os que vivenciaram aquele momento, partissem desse cuidado, pensando sua própria liberdade. Assim as liberdades individuais foram pensadas a partir da ética. Observamos que esse foi um tema que atravessou a vivência moral daquela época. A concepção de sujeito não era algo elaborado para os gregos nesse momento, mas as práticas exercidas nessa concepção de cuidado de si leva-nos a crer que, como nos aponta Foucault, houve a possibilidade de observação do surgimento e constituição da subjetividade.

Porém, com o passar dos anos, tão distante ficou essa concepção de relação de si para consigo que chega a soar muito incomum esse tipo de proposta,

(...)em nossas sociedades, a partir de um certo momento e é muito difícil saber quando isso aconteceu-, o cuidado de si se tornou uma coisa um tanto quanto suspeita. Ocupar-se de si foi, a partir de um certo momento, denunciado de boa vontade como uma forma de amor a si mesmo, uma forma de egoísmo ou de interesse individual em contradição com o interesse que é necessário ter em relação aos outros ou com o necessário sacrifício de si mesmo.”(FOUCAULT, 2006 : 268).

Considerando essas reflexões apresentadas a partir das pesquisas de Foucault sobre o cuidado de si e o momento que nos encontramos hoje, ora sendo quase que engolidos por uma avalanche de estímulos a uma forma de ser e estar nesse mundo, ora, dentro de nossas possibilidades, inventando e reinventando a nós mesmos para, criativamente, não permitir essa invasão, essa constante sugestão de modas, normas e afins, fico com o pequeno recado de uma das canções da artista Céu, que em seu álbum, intitulado Vagarosa (e penso que numa sociedade onde tempo é dinheiro esse título não soa á toa) procura nos “despertar” com a faixa que segue:

SONÂMBULO

(M:Céu, Serginho Machado, Bruno Buarque, Lucas Martins, DJ Marco e

Guilherme Ribeiro/L:Céu)

Numa espécie de limbo

O sonâmbulo anda feito um pêndulo

Ora pende dormindo, ora pende contra o tempo

E faz deste inimigo, atrasado, correndo

Justifica um vazio interno, imenso

Fugas mentais ocupam os pensamentos

E se torna incapaz de ocupar a si mesmos

TVz, zines, jornais, químicas num intento

Bloquear os canais

Domesticar seus anseios

Que é bom desconfiar dos “bons elementos”

Feito a história de Moebius vão tirar sua visão

E te dar olhos passivos adequados ao padrão

Neste ponto, voltamos nossa atenção ao significado de discutirmos a questão do cuidado de si enquanto possibilidade de vivência da verdade de um sujeito diante de si mesmo. Se essa relação foi processualmente, ao longo da história ocidental, ocupada por outras formas de relação dos sujeitos com eles mesmos, cabe a crítica de que esse espaço individual, cabível a cada sujeito, veio a submeter-nos às formas de governamentos, uma vez que, tanto exercemos, como somos perpassados por diversas formas de poder. Em um dos trechos de um texto denominado O Sujeito e o Poder, Foucault comenta algumas questões interessantes que dizem respeito ao poder não como aquele concentrado num sujeito ou numa instituição mas em sua capacidade de atravessar as diversas relações existentes, se pensarmos na maneira como nos organizamos, em qualquer Estado, em qualquer país. Não há um local reservado em que não existam relações de poder. Sobre tal, nos adianta:

“Não há, em uma sociedade dada, um tipo geral de equilíbrio entre as atividades finalizadas, os sistemas de comunicação e as relações de poder. Há, antes, diversas

formas, diversos lugares, diversas circunstâncias ou ocasiões em que essas inter-relações se estabelecem sobre um modelo específico. Porém, há também “blocos” nos quais o ajuste das capacidades, as redes de comunicação e as relações de poder constituem sistemas regulados e concordes. Por exemplo, uma instituição escolar: sua organização espacial, o regulamento meticuloso que rege sua vida interior, as diferentes atividades aí organizadas, os diversos personagens que aí vivem e se encontram, cada um com uma função, um lugar, um rosto bem-definido- tudo isso constitui um “bloco” de capacidade-comunicação-poder. A atividade que assegura o aprendizado e a aquisição de aptidões ou de tipos de comportamento, aí se desenvolve através de todo um conjunto de comunicações reguladas (lições, perguntas e respostas, ordens, exortações, signos codificados de obediência, marcas diferenciais do “valor” de cada um e dos níveis de saber) e através de toda uma série de procedimentos de poder (enclausuramento, vigilância, recompensa e punição, hierarquia piramidal).

(Foucault, 2010 : 285-286).

Dadas essas críticas quanto ao poder, e, pensando tudo o que pode nos oferecer as reflexões sobre o chamado cuidado de si, é que se volta aqui o olhar sobre a pessoa de Valentina, observando nela, pontos de relação entre o cuidado de si e uma vida que se faz obra de arte.

Mas o que permanece para si quanto aqueles que dizem, é cuidado pelo outro? Pode ser que até certo momento da trajetória das pessoas com deficiência física no Brasil, em seus mais variados casos, tenha havido o pensamento predominante de que, uma vez que passa-se a se locomover através de uma cadeira de rodas, passa-se a ter uma vida de extrema tristeza e total dependência dos outros.

Aqui não se acredita nisso como, pensa-se ser muito importante a existência de inúmeras opções de instituições voltadas a escolaridade e educação desses

sujeitos para, dentre as opções existentes, os responsáveis e, esse sujeito, possam escolher aquilo que é melhor para ele.

No caso de Valentina, tendo ela trilhado toda a sua escolaridade em escolas públicas e regulares, ao vir para o município de Campinas, optou por continuar nesse padrão escolar, permanecendo, nesse sentido, a enfrentar tudo aquilo que essa escola lhe apresenta, aquilo que é bom, e aquilo que não é bom, Porém, como soou como uma grande novidade diante dos olhos daqueles que seriam seus professores e colegas de turma vivenciou e ainda experimentará muitas e muitas situações em que terá de enfrentar tanto aquilo que a agrada, que a contempla como o contrário, aliás, em nossas vidas, sendo cadeirantes ou não, também experimentamos inúmeras situações que nos colocam em estado de frustração, será que a diferença é que o “andante” pode fugir correndo daquilo que não o agrada e o cadeirante não?

De toda forma, as elaborações apresentadas por Foucault, sobretudo no que concerne ao cuidado de si são pertinentes a esse tema. Não só se recai sobre essa criança a classificação de deficiente, como a própria nomenclatura desse diagnóstico soa de maneira a nos levar a pensar que essa pessoa não é capaz de sequer pensar por si. Paralisia cerebral coreoatetóide é um nome que parece generalizar a pessoa, quando na realidade é algo que se recai somente a questão motora desse sujeito.

Quanto a Valentina, parece relacionar-se muito bem com sua família, estuda, faz hidroterapia, frequenta aulas de informática pois relata ter interesse em aprender o que ela chama de “os mistérios dos programas”, e, iniciou um namoro com um colega de classe. Passado o momento em que ela foi claramente concebida como alguém que não teria condições de viver o cotidiano escolar, pois tudo era motivo de receio, desde a permanência de um computador portátil em sala de aula até uma excursão ao parque ecológico da cidade, enxerga-se hoje uma outra concepção acerca dessa pessoa. As obras de Foucault citadas aqui trazem um pouco da pesquisa desse autor que ao entrar em contato com esses textos tão antigos, enxergou neles possibilidades de nos relacionar conosco e com os outros de outra maneira, num outro estilo, talvez em consideração a verdade de cada sujeito. Assim, é que fazemos das palavras do autor um momento de reflexão a nós mesmos: Esta elaboração da própria vida como uma obra de arte pessoal, ainda que obedecendo certos cânones coletivos, estava ao centro, me parece, da experiência moral na Antiguidade, enquanto que, no cristianismo,

com a religião do texto, a idéia de uma vontade de Deus, o princípio de uma obediência, a moral assume muito mais a forma de um código de regras (somente certas práticas ascéticas estavam mais ligadas ao exercício de uma liberdade pessoal). (FOUCAULT, 2006 : 279).

No sentido dessa colocação, sabe-se que, a noção de cuidado de si tomou outros rumos, perdendo o teor com o qual Michel Foucault se impressionou, porém, não estamos impedidos de pensar sobre essa prática presente aqui especificamente no período Greco-Romano, bem como elaborar nossa existência a partir daquilo com o qual nos identificamos além da moral a qual muitas vezes nos vemos submetidos.

Acreditamos que, de certa maneira e reconhecendo que estamos em outro período, muito distante do período aqui citado, pode-se considerar relevante a maneira como certos sujeitos, hoje, conduzem suas vidas. Buscas incessantes de formas, maneiras de estar no mundo considerando suas deficiências, mas relacionando-se consigo mesmo e também com os outros com a sua verdade. Talvez seja um pouco de como a chamada deficiência se faz eficiente para esculpir a própria vida.

Referências Bibliográficas:

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: *Ética, sexualidade, política: Ditos & Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

Foucault. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Foucault. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. RABINOW, P. Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

Foucault. A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. In: Ética, sexualidade, política: Ditos & Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

Foucault. Uma estética da existência. In: Ética, sexualidade, política: Ditos & Escritos V.

GIANNINI, M, A, C. (2005) "Paralisia Cerebral-Aspectos Clínicos". In: Aspectos Clínicos e Práticos da Reabilitação. Rio Grande do Sul, 1-5.

Hardt, M. e Negri, A. (2010). **Império**. Record. Rio de Janeiro. Apud Heckert, A. L. C. e Andrade, R. B. (2010) "Caminhos bifurcantes na educação inclusiva: inclusões e rebeldias silenciosas na educação Pública. In: Fractal: Revista de Psicologia, v.22, n.3, Set/Dez, 498.

Heckert, A. L. C. e Andrade, R. B. (2010) "Caminhos bifurcantes na educação inclusiva: inclusões e rebeldias silenciosas na educação Pública. In: Fractal: Revista de Psicologia, v.22, n.3, Set/Dez, 497-512.

Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.